

APRESENTAÇÃO

Parte desta edição da Revista Passagens está vinculada ao Grupo de Trabalho “Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós, sobretudo aos textos elaborados e nas questões suscitadas nos dois últimos anos.

Há vários anos, mas muito especialmente em 2016 e 2017, o Gt tem o maior número de submissões da Compós, com pesquisadores de todo o país lançando discussões de ponta sobre o cinema, a fotografia e o audiovisual. Não apenas por isso, mas também como consequência dessa enorme procura e da própria relevância do campo na área de Comunicação, o GT acabou se tornando um dos fóruns mais especializados e privilegiados da pesquisa sobre a imagem nas suas mais variadas acepções e abordagens. Uma das características mais importantes do Gt é sua abertura simultânea para análises formais e estéticas muito precisas e particulares, bem como para visões mais amplas sobre o papel das formas e imagens para a compreensão da sociedade contemporânea e dos processos históricos nos quais tais imagens estão implicadas.

Como coordenadores do GT neste biênio, ficamos especialmente satisfeitos com a presença ativa e qualificada tanto de professores já há muito atuantes e basilares no audiovisual e na fotografia e vários pós-doutorandos com trabalhos de ponta nos programas de pós-graduação, como de jovens pesquisadores alguns já em fase de conclusão de sua formação, outros recém ingressados na área. Essa amplitude vem gerando uma diversidade e uma densidade muito raras no debate do campo.

O atual dossiê reflete parte dessa riqueza gerada pelo GT. Vários dos vinte textos produzidos entre 2016 e 2017 já estavam comprometidos ou publicados em outros periódicos, mas tivemos a sorte de poder contar com os textos aqui presentes em

versões ampliadas e/ou modificadas daquelas que foram apresentadas em Goiânia ou São Paulo. Parece-nos que estes textos dão conta de modo muito substancial das premissas do GT, trazendo as dinâmicas postas em circulação pelo cinema, pela fotografia e pelo audiovisual, descrevendo –as, analisando-as e refletindo sobre elas muito rigorosa e acuradamente.

É assim que, no dossiê, a imagem emerge como experiência social e comunicativa e como acontecimento atravessado pelas potências do corpo, do cotidiano e da materialidade da própria imagem. No texto de Luiz Carlos Oliveira Junior, a estética da desfiguração presente no filme “Batman” de Tim Burton é relacionada ao campo das artes visuais e desestabiliza a noção convencional da imagem como “representação” para toma-la como forma de “presença” e “potência” capaz de liberar recalques e interdições da expressividade do humano.

Marcelo Ribeiro discute os tensionamentos nas discursividades da fotografia e do cinema na famosa série *Untitled Stills*, de Cindy Sherman, onde a memória e as identidades e narrativas de gênero são apropriadas para realizar um jogo desconstrutivo através do autorretrato.

A selfie como escrita de si no texto de Isaac Pipano nos propõe pensar a questão da autorepresentação para além das práticas de exposição e de espetacularização de si e da intimidade e a refletir sobre essa experiência de imagem como vinculada ao ato fotográfico como ato propriamente performático.

Também no contexto das discussões sobre a imagem como acontecimento, Victa de Carvalho discute as formas como o cotidiano retorna como questão na fotografia contemporânea através da obra “Marcha”, do coletivo paulista *Cia da Foto*, onde fotografias e vídeos apostam nas possibilidades de regimes de visão que nos convidam a “habitar” a imagem.

O texto de Lucio Reis Filho alinha o cinema “retrô” contemporâneo que revisita filmes de ação e aventura dos anos 80 com diversas referências culturais do período,

permitindo-nos reler as redes intertextuais que constituem o imaginário pós-apocalíptico construído por essas produções.

Lucia Ramos discute o fenômeno dos filmes de longa duração e analisa os efeitos e desafios produzidos por esse gênero cinematográfico para as experiências da espectadorialidade e da análise fílmica, redimensionando-as ao levantar a questão da atenção como campo não negligenciável nos estudos contemporâneos do cinema.

Fechando esse ciclo de reflexões, as imagens-corpo dos “arquivos cine-performativos” de Naomi Kawase, convocadas no texto de Eduardo dos Santos Oliveira e Henrique Codato, propõem pensar o lugar do corpo e do sensório nas experiências de expectativa propostas por esse gênero de obras e suas implicações para nossas concepções de cinema e seus modos de endereçamento ao real.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Angela Prysthon (UFPE)

Fernando Gonçalves (UERJ)

Coordenadores do GT Cinema, Fotografia e Audiovisual da COMPÓS (2016-2017)